

públicos. Mas, a passagem imediata para o sistema público não é uma boa alternativa. Existem outros tópicos que precisam ser discutidos como o troca-troca de legendas.

P - E a fidelidade partidária, deve ser instituída?

R - Depende, pois a noção de fidelidade para alguns é entendida como a necessidade dos deputados votarem de maneira disciplinada e coesa com a direção dos partidos. Eles pensam em inibir as trocas. Não é um problema tão grave aqui no Rio Grande do Sul, mas fora deste Estado é um problema generalizado. Isso tem graves consequências para a representação política do Brasil. E esses outros tópicos menores que acho que podem ser discutidos e tornam o sistema partidário um pouco mais integrado, estável e previsível.

P - Quanto aos conceitos de esquerda e direita, quem representaria melhor essas idéias. Por exemplo, o PT continua sendo um partido de esquerda? Como se trabalha com essas posições nos dias atuais?

R - Há uma enorme dificuldade em usar essa classificação espacial. A idéia é essa, você coloca em um espaço, um partido é de esquerda, outro é de direita, e vai alinhando os outros ali. Têm muitos estudos que tentam desenvolver formas mais científicas, mais sofisticadas de fazer essa classificação. Mas, o fato é que em outros países essa distância é o que importa, sobretudo na Europa, que sempre organizou, pelo menos do século XX para cá, a política nesses termos. Essa divisão sempre foi importante. Hoje, essa divisão está mais esmaecida, os partidos foram em direção ao centro. Depois de uma série de políticas públicas nas últimas duas décadas essa distinção ficou menos nítida. No caso específico do Brasil, hoje não há muita diferença. Ela facilita para uma conversa de bar, uma crônica jornalística, mas efetivamente é difícil definir o que é de esquerda e de direita e classificar claramente a partir dessas posições. Eu acho que o PT hoje não é um partido de esquerda.

P - Ainda existe espaço para a atuação da esquerda clássica, ou seja, aquela que defende os monopólios estatais, que analisa a sociedade pelo prisma da luta de classes?

R - Essa esquerda ainda tem lugar, mas com vocação e força reduzida, pequena. Vários países do mundo têm esquerda.



“Os partidos políticos foram para o centro”

Têm partidos muito radicais, mas eles ficam à margem do sistema político, a mesma coisa vale para a direita. Partidos com vocação mais autoritária, mobilizando temas do tipo política anti-imigratória pesada, reminiscências do tipo neonazista e neofascista, mas em todos os lugares esses partidos - salvo em uma eleição ou outra que eles crescem um pouquinho e voltam - não são partidos que tenham vocação para governar países importantes. Esses partidos devem continuar, mas diante da nova legislação, que traz dificuldades para os partidos nesse sentido, é difícil. Mas eles sobrevivem sem os incentivos de recursos partidários e tempo de TV. Eu não vejo muita facilidade dos partidos, seja à esquerda ou à direita. Não há marcações ideológicas muito nítidas porque o sistema foi em uma direção de grandes partidos indistintos em termos doutrinários.

P - No último processo eleitoral é possível avaliar quais foram os partidos vitoriosos e quais os derrotados? Na análise trazida no Colóquio do mês de novembro (2006) se disse que o Lula foi vitorioso, mas o PT de algu-

ma forma perdeu na eleição, tendo em vista a quantidade de votos e o número de parlamentares eleitos. O sr. pensa dessa forma também?

R - Numa eleição geral, em que se disputam vários postos, cada partido tem que puxar para sua ponta, onde ele foi mais bem sucedido. Um petista diria: “ganhamos os governos da Bahia, do Pará, o desastre não foi tão grande”. Eu acho que o problema do PT não deriva das urnas. É um problema mais estrutural, da sua relação com a sociedade brasileira, particularmente a classe média, os movimentos sociais. O partido tem duas alternativas mais óbvias. Uma é parar para balanço, tentar uma força para se reconstruir em termos organizacionais, arejar as suas direções, criar novas formas de envolvimento dos cidadãos, abrir o partido, tentar conectar de novo com alguns setores do mundo associativo brasileiro. Ou senão, virar o partido Lulista, que vai defender o legado Lula. Hoje, eu acho que a segunda alternativa é mais fácil. O partido fica a reboque de seu cão

de guarda do governo Lula no Congresso, defender tudo. E incorporar no seu programa, o legado do bolsa-família, os programas sociais focalizados.

P - Os meios de comunicação tiveram alguma influência na crise política recente do país ou no resultado eleitoral?

R - Eu acho que o evento dos “alopradados” trouxe para a campanha um elemento novo. O mensalão foi uma coisa gravíssima. Os valores das denúncias, tudo que se apurou em termos jornalísticos. Eu li dois livros sobre isso e tive acesso a capítulos do relatório final da CPI. As denúncias são muito graves, só que o processo judicial não é mole. Ninguém é julgado, acusações formais levadas à justiça, essas coisas todas. Agora, uma crise daquela é para abalar qualquer país. A imprensa, obviamente que comete excessos, há devaneios. Isso tudo a gente sabe, mas o caso é muito grave. É uma cobertura realmente que merece atenção. O que aconteceu no final do evento a imprensa não cobriu nada. Lembro que eu estava fora do Brasil na época e o relatório final resultou em 1.500 páginas. Simplesmente aquilo não deu nenhum impacto, porque ninguém agüentava mais. Uma imprensa séria talvez não exagerasse tanto durante aquele festival inicial, com CPI's, transmissões e tal. Ela deveria ter dado uma cobertura mais séria, por exemplo, ao relatório final. Mas esses descompassos existem. Tirando um excesso aqui e acolá a cobertura não foi algo assim gravíssimo. Na campanha é obvio que tinham setores que queriam que eles (PSDB) fossem para o segundo turno e aproveitaram o pretexto (do dossiê), forçaram um pouco a mão. Mas, na ponta do lápis eu acho que para o Lula, para o governo do PT, foi um ótimo negócio ir para o segundo turno. Ele conquistou uma vitória inquestionável, coisa que ele não teria de jeito nenhum no primeiro turno. Imagina hoje o presidente eleito com 50,5% dos votos. Ainda o processo sendo apurado, com Alckmin chegando com uma votação de 42% dos votos. O Brasil dividido, dando o recado claro. No segundo turno, o Presidente reconquistou setores. Fez uma campanha um pouco mais efetiva, mostrou a cara. Foi bom para o Brasil, bom para ele. Quem saiu perdendo foi a oposição. Na verdade, na ponta do lápis, foi um ótimo negócio.